

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

NILSON SILVA SOUSA

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA
ESCOLA DO MUNICÍPIO DE CAXIAS - MA**

Caxias – MA
2025

NILSON SILVA SOUSA

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA
ESCOLA DO MUNICIPIO DE CAXIAS - MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Estudos Superiores de Caxias/UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Cristiane Maria Cordeiro Santiago

Caxias – MA
2025

S725i Sousa, Nilson Silva

Impacto da pandemia de COVID-19 no ensino de Geografia em uma escola do município de Caxias-MA / Nilson Silva Sousa. __Caxias: Campus Caxias, 2025.

54f.

Graduação (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof^ª. Dra. Cristiane Maria Cordeiro Santiago.


NILSON SILVA SOUSA

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA
ESCOLA DO MUNICIPIO DE CAXIAS - MA**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Estudos Superiores de Caxias/UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 08 / 01 / 2026


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANE MARIA CORDEIRO SANTIAGO**
Data: 13/01/2026 18:41:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cristiane Maria Cordeiro Santiago (Presidente/Orientadora)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Documento assinado digitalmente
 **JESSICA CRISTINA OLIVEIRA FROTA**
Data: 13/01/2026 19:40:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jéssica Cristina Oliveira Frota
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **JOSE AMANCIO RIBEIRO NETO**
Data: 14/01/2026 11:00:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me José Amâncio Ribeiro Neto
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força, saúde durante toda essa trajetória de desafios e novas possibilidades de conhecimentos. A minha família que sempre estavam dispostos a me incentivar e ajudar quando necessário, não me deixando desamparado em momento algum, minha mãe, avó, tias, prima, e todos que estavam dispostos a fazer parte desse momento tão especial.

Agradeço a minha querida professora orientadora, Professora Dr. (a) Cristiane Maria Cordeiro Santiago, pelo seu empenho, disponibilidade e interesse durante todo esse tempo, com seus conhecimentos e orientações de grande importância para realização desse Trabalho. Aos membros da banca examinadora, Prof. Me José Amâncio Ribeiro Neto, e a Prof. Dr.(a) Jéssica Cristina Oliveira Frota.

Aos professores de geografia da unidade escolar pesquisada, e aos alunos do 1º ano C, que contribuíram na coleta de informações através do questionário aplicado, e aos meus colegas de universidade pela parceria durante todo esse processo acadêmico, todos que tiveram uma parcela de contribuição direta ou indiretamente.

"Mais importante que as tecnologias, que os procedimentos pedagógicos mais modernos, no meio de todos esses movimentos e equipamentos, o que vai fazer diferença qualitativa é a capacidade de adequação do processo educacional aos objetivos que levaram você, pessoa, usuário, leitor, aluno, ao encontro desse desafio de aprender" (Kenski, 2021, p.46).

RESUMO

A pandemia de Covid-19 provocou profundas transformações no sistema educacional brasileiro, exigindo a adoção do ensino remoto como alternativa para a continuidade das atividades escolares. Esse cenário evidenciou desafios relacionados às desigualdades sociais, ao acesso limitado às tecnologias digitais e às dificuldades pedagógicas enfrentadas por professores e alunos, especialmente na educação básica. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os impactos ocasionados pela pandemia de Covid-19 no ensino de Geografia em uma escola de educação básica do município de Caxias, MA, considerando aspectos positivos e negativos do período pandêmico e pós-pandêmico. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem quali-quantitativa, de natureza bibliográfica e de campo, fundamentada em autores que discutem educação, ensino de Geografia e tecnologias educacionais. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de questionários a professores e alunos de instituição selecionadas, buscando compreender as estratégias adotadas, as dificuldades enfrentadas e as perspectivas para o ensino no período pós-pandemia. Os resultados indicaram que, embora o ensino remoto tenha possibilitado a continuidade das aulas, persistem limitações relacionadas à infraestrutura tecnológica, à mediação pedagógica e às condições de acesso dos estudantes, impactando o processo de ensino-aprendizagem de geografia. Conclui-se que a experiência pandêmica reforça a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas e inovadoras no ensino de Geografia, bem como de políticas educacionais que minimizem as desigualdades e fortaleçam a formação crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Ensino Remoto; Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic caused profound transformations in the Brazilian educational system, requiring the adoption of remote learning as an alternative for the continuity of school activities. This scenario highlighted challenges related to social inequalities, limited access to digital technologies, and pedagogical difficulties faced by teachers and students, especially in basic education. In this context, the present work aims to analyze the impacts caused by the Covid-19 pandemic on the teaching of Geography in a basic education school in the municipality of Caxias, MA, considering positive and negative aspects of the pandemic and post-pandemic period. The research is characterized by a qualitative-quantitative approach, of a bibliographic and field nature, based on authors who discuss education, geography teaching, and educational technologies. Data collection occurred through the application of questionnaires to teachers and students from selected institutions, seeking to understand the strategies adopted, the difficulties faced, and the perspectives for teaching in the post-pandemic period. The results indicated that, although remote teaching has enabled the continuity of classes, limitations related to technological infrastructure, pedagogical mediation, and students' access conditions persist, impacting the teaching-learning process of geography. It is concluded that the pandemic experience reinforces the need for more inclusive and innovative pedagogical practices in geography teaching, as well as educational policies that minimize inequalities and strengthen the critical training of students.

Keywords: Geography teaching; Remote learning; Covid-19 pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figure 1 - Mapa de localização geográfica da área de estudo em Caxias, MA.....	24
Gráfico 1 – Principais dificuldades para o acesso as aulas de geografia no período pandêmico relatadas pelos discentes.	33
Gráfico 2 - Dificuldades em acompanhar os assuntos da disciplina de geografia após o período pandêmico.....	34
Gráfico 3 – Avaliação do ensino remoto na percepção dos estudantes.....	36
Gráfico 4 – Nível de Domínio dos Conceitos de Geografia pelos Estudantes após a Pandemia	37

LISTA DE SIGLAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID-19 – Doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2

EAD – Educação a Distância

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MA – Maranhão

QGIS – Quantum Geographic Information System

TD – Tecnologias Digitais

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Educação em tempos de pandemia e desigualdades digitais	14
2.2 O ensino de Geografia em tempos de pandemia e no período pós-pandêmico	16
2.3 Práticas pedagógicas aplicadas no ensino no período pós-pandêmico: contexto geral	19
3 METODOLOGIA	22
3.1 Procedimentos metodológicos	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 Caracterização da área de estudo	24
4.2 Análise dos impactos da pandemia de covid-19 no ensino de geografia na visão dos docentes	25
4.3 Análise dos impactos da pandemia de covid-19 no ensino de geografia na visão dos discentes	30
4.4 Sugestões de práticas pedagógicas	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	47

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, configurou-se como um dos principais eventos epidemiológicos do início do século XXI, tendo se originado em Wuhan, na China, no final de 2019, e se disseminado rapidamente em escala global, resultando na declaração de pandemia em março de 2020 (Sallard et al., 2020). No Brasil, o primeiro caso confirmado de COVID-19 foi registrado em fevereiro de 2020, marcando o início da circulação do vírus no país e o rápido aumento de infecções em diferentes regiões (Crokidakis, 2020).

No Maranhão, a campanha de vacinação teve início em janeiro de 2021 e, a partir de abril do mesmo ano, passou a incluir os profissionais da educação em atividade, ampliando as ações de imunização no estado. No município de Caxias, assim como em outros municípios maranhenses, a vacinação avançou de modo a abranger diferentes grupos prioritários, demonstrando a expansão das medidas de imunização além dos grandes centros.

A pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, trouxe profundas transformações sociais, econômicas e educacionais em escala global. No Brasil, o fechamento das instituições de ensino impactou diretamente o processo de aprendizagem, exigindo rápidas adaptações tanto de professores quanto de alunos. O ensino remoto emergiu como principal alternativa para dar continuidade às atividades escolares. Contudo, revelou-se um desafio diante das desigualdades sociais, do acesso limitado a recursos tecnológicos e da ausência de preparo pedagógico para lidar com novas metodologias. Segundo Lima (2021), o contexto pandêmico evidenciou fragilidades já existentes no sistema educacional brasileiro, reforçando as desigualdades entre instituições públicas e privadas.

No caso específico do ensino de Geografia, os impactos foram ainda mais significativos, visto que esta disciplina possui um papel formativo fundamental para a compreensão crítica da realidade socioespacial. Conforme Souto e Moraes (2021), a Geografia na educação básica possibilita ao aluno o desenvolvimento de competências relacionadas ao espaço vivido, permitindo-lhe interpretar fenômenos sociais e naturais que compõem sua realidade. Nesse sentido, analisar os efeitos da pandemia sobre o ensino de Geografia é essencial para compreender os desafios enfrentados e aqueles

ainda a serem enfrentados no período pós - pandemia, e refletir sobre estratégias que possam contribuir para uma educação mais equitativa e inclusiva.

Sendo assim, o problema de pesquisa que norteia este trabalho pode ser assim formulado: quais foram os principais impactos da pandemia de Covid-19 no ensino de Geografia na educação básica em uma instituição de ensino de Caxias, MA, considerando as estratégias adotadas, os desafios enfrentados e as perspectivas no período pós-pandêmico?

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar os impactos ocasionados pela pandemia de Covid-19 no ensino de Geografia em uma escola de educação básica de Caxias, MA, considerando aspectos positivos e negativos. Como objetivos específicos, busca-se: identificar as metodologias e estratégias de ensino adotadas pelos professores na instituição de ensino da cidade de Caxias, MA durante o período pandêmico; avaliar as dificuldades e limitações enfrentadas por professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem no período pandêmico e pós-pandemia; Sugerir práticas pedagógicas que favoreçam a superação das dificuldades diagnosticadas no ensino de Geografia, promovendo a melhoria contínua do processo de ensino-aprendizagem.

A escolha do tema justifica-se pela sua relevância social e acadêmica. Socialmente, porque a pandemia expôs e acentuou desigualdades educacionais que impactaram de forma significativa o processo de ensino e aprendizagem, especialmente em municípios do interior, como Caxias, MA. Academicamente, porque compreender os impactos da pandemia sobre o ensino de Geografia contribui para a produção de conhecimento científico, oferecendo subsídios para o debate sobre políticas educacionais e metodologias de ensino mais inclusivas. Assim, este trabalho pretende colaborar para o fortalecimento da reflexão crítica sobre o papel da Geografia no enfrentamento dos desafios contemporâneos da educação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação em tempos de pandemia e desigualdades digitais

A crise sanitária global desencadeada pela Covid-19 funcionou como um catalisador de transformações profundas e um revelador de fraturas sociais preexistentes no campo educacional. O fechamento abrupto das escolas forçou uma migração em massa para o ensino remoto, um modelo que, embora necessário, escancarou o que muitos estudiosos já denominavam de exclusão digital (Santos,2000). Esse termo refere-se à profunda divisão entre aqueles que têm acesso pleno às tecnologias digitais e os conhecimentos para utilizá-las e aqueles que são excluídos desse universo. No contexto brasileiro, marcado por históricas desigualdades, a pandemia não criou, mas sim aprofundou dramaticamente essa divisão, transformando a educação em um privilégio de poucos (Ferreira, 2020).

A transição para o ensino remoto emergencial evidenciou que o acesso à internet e a dispositivos tecnológicos não é universal. Como salienta Kenski (2021, p. 45), "a simples disponibilidade de um celular na família não garante condições adequadas para a aprendizagem remota". Muitos estudantes das redes públicas, especialmente em regiões periféricas e interioranas como Caxias, MA, dependiam de um único aparelho móvel, compartilhado entre vários membros da família, com planos de dados limitados e sem um ambiente doméstico adequado para os estudos. Segundo Pereira e Silva (2020), essa precariedade material constituiu a primeira e mais evidente barreira, impedindo o acesso mínimo ao conteúdo educacional.

Para além da infraestrutura, a desigualdade se manifestou também no que se convencionou chamar de "letramento digital". Behar (2020) distingue a simples alfabetização digital do letramento, que implica na capacidade de utilizar as tecnologias de forma crítica, autônoma e significativa para a aprendizagem. A autora argumenta que a pandemia evidenciou o abismo entre os nativos digitais, que dominam a linguagem do entretenimento, e os estudantes cujo letramento digital está voltado principalmente para o aprendizado. Professores e alunos foram lançados a um ambiente para o qual a maioria não estava preparada, sem a formação pedagógica e técnica necessária.

De acordo com Fialho e Neves (2022), durante o ensino remoto emergencial, os professores enfrentam a necessidade de adaptação rápida de planos de aula, domínio de novas plataformas e produção de conteúdos digitais, muitas vezes sem o suporte institucional necessário para lidar com essas demandas. Como observa Tondin et al. (2024), houve uma sobrecarga de trabalho docente, gerando quadros de exaustão e dificultou a manutenção da qualidade do trabalho docente, revelando lacunas estruturais na formação e no apoio institucional oferecido aos profissionais.

No polo discente, os impactos foram igualmente severos. A falta de interação social presencial, a dificuldade de concentração em ambientes muitas vezes barulhentos e a ausência de suporte familiar para as atividades escolares comprometeram gravemente o processo de aprendizagem. Segundo Neuhold e Pacheco (2023), o ensino remoto instaurado durante a pandemia ampliou significativamente as desigualdades educacionais e contribuiu para o abandono escolar, muitos estudantes em contextos vulneráveis simplesmente não conseguiram acompanhar as atividades por falta de infraestrutura, o que fragilizou ainda mais o vínculo com a escola. Nesse contexto, afirma-se que:

(..) diante do estado de calamidade pública na saúde, o ensino remoto emergencial foi implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras. Falhas ficam claras no tocante à acessibilidade de tecnologias, distanciamento na relação entre educando e o educador, gerando desmotivação, exclusão e aumento da evasão escolar. Portanto, o cenário pandêmico intensificou e evidenciou o aprofundamento das desigualdades sociais e a fragilidade das escolas brasileiras (Gomides; Silva, 2024, p.4).

Desse modo, uma análise de Silva (2024) destaca que as famílias com maior capital cultural e econômico proporcionam aos seus filhos recursos estruturais, como computadores e acesso à internet de qualidade, além de apoio pedagógico nas atividades escolares. Em contrapartida, as famílias das classes populares, desprovidas desses recursos, enfrentam o aumento da distância educacional. Assim, a pandemia funcionou como um mecanismo que reforça e amplia as desigualdades sociais, convertendo o capital econômico e cultural em vantagens educacionais mais evidentes.

Contudo, é crucial não analisar o período apenas por um viés deficitário. Alguns estudos como os dos autores Fleury (2022) e Almeida (2020) apontam para a emergência de uma resiliência pedagógica, onde professores criativos desenvolveram estratégias

para alcançar seus alunos, utilizando aplicativos de mensagem, materiais impressos entregues nas residências e programas de rádio comunitário.

Em síntese, a educação em tempos de pandemia foi palco de uma crise multifacetada, na qual as desigualdades digitais, entendidas em suas dimensões materiais, de competência e sociais, desempenharam um papel central. A superação dos desafios postos por esse período exige, portanto, não apenas a universalização do acesso à banda larga, mas também um investimento massivo na formação de professores e na construção de políticas educacionais que considerem a heterogeneidade da realidade brasileira, para que a educação digital seja, de fato, um direito de todos e não um privilégio de poucos.

2.2 O ensino de Geografia em tempos de pandemia e no período pós-pandêmico

O ensino de Geografia, marcado por sua conexão intrínseca entre sociedade e espaço, deparou-se com desafios únicos durante a pandemia de Covid-19. Tradicionalmente ancorado em ferramentas como mapas, imagens de satélite, atividades de campo e observação direta, o campo pedagógico viu suas metodologias severamente comprometidas pelo confinamento. Nesse contexto de adaptação forçada, os professores voltaram-se intensamente para as Tecnologias de Informação e Comunicação, a fim de assegurar a qualidade e a continuidade do aprendizado (Macêdo; Moreira, 2020).

Como pontuam Souto e Morais (2021), o ensino de Geografia, fundamentado na relação com o espaço vivido, foi compelido a se deslocar para o ambiente virtual, um não-lugar, carente da materialidade que constitui o próprio objeto de estudo da ciência geográfica. Nesse contexto afirma-se que:

Considerando a relevância do conhecimento geográfico na educação básica, torna-se premente pensar acerca dos impactos ocasionados pela implementação do ensino remoto nas aulas da disciplina. A Geografia traduz para o aluno a estrutura e organização do espaço em que ele está inserido. Portanto, o ensino remoto não supera o ensino presencial, mas a utilização das tecnologias abre novas possibilidades para que os professores e alunos possam superar barreiras físicas, colocando o mundo mais acessível á ponta de dedo (Souto; Morais, 2021, p.112).

Dessa maneira, com a pandemia da Covid-19, os métodos de ensino e as mediações pedagógicas adotadas pelos professores de Geografia passaram por profundas transformações. Do mesmo modo, muitos estudantes também modificaram

suas formas de aprender, uma vez que o ensino remoto especialmente aquele apoiado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação instaurou novas dinâmicas de acesso ao conhecimento e de interação entre os sujeitos envolvidos no processo educativo (Silva, 2021).

Para Pontuschka (2021) o ensino de Geografia deve se apropriar dessa experiência subjetiva do espaço para reconstruir, junto aos alunos, uma leitura crítica do território, percebendo como as macroestruturas sociais e econômicas se manifestam na microescala do lugar. Assim:

Nesse contexto, as mediações das aulas de Geografia ao longo da pandemia revelaram-se extremamente desafiadoras. Os professores buscaram formas criativas para manter os alunos engajados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), recorrendo, entre outras ferramentas, as diversas TDIC no ensino de Geografia. Destacam-se, por exemplo, o uso do Zoom, grupos de Whatsapp, Canais do Youtube, Google Forms, materiais disponibilizados via Drive, Canva e jogos digitais como o Kahoot, entre outros (Sousa; Araújo, 2024, p.60).

Desse modo, uma variedade de recursos didáticos foi mobilizada ao longo das aulas. Entretanto, mesmo diante desse conjunto de possibilidades, muitos professores continuaram enfrentando desafios significativos no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Assim segundo Arruda (2020), a educação remota desempenha papel fundamental na manutenção dos vínculos educacionais, sendo sua ausência potencialmente mais prejudicial à qualidade do ensino do que a adoção de estratégias pedagógicas, ainda que limitadas. Sendo assim:

(...) é primordial buscar estratégias com vistas a minimizar os impactos e promover uma aprendizagem prazerosa e significativa. No tocante à Geografia, um exemplo da busca por alternativas refere-se às aulas de campo, as quais se constituem como fortes aliadas na abordagem dos conteúdos da disciplina, no entanto tiveram que ser substituídas por vídeos que se aproximem ao máximo das experiências técnicas obtidas em campo, mas mesmo assim jamais se aproximam da realidade presencial (Souto; Morais, 2021, p.111).

Assim, a superação desse desafio dependerá da capacidade dos educadores e dos sistemas de ensino em promover uma síntese dialética entre as metodologias tradicionais comprovadamente eficazes e as potencialidades abertas pelas tecnologias digitais, sempre com o foco na formação de cidadãos conscientes de seu papel na produção e transformação do espaço (Vesentini, 2021).

Dessa maneira, para Moraes; Castilho (2023), o ensino de Geografia, sobretudo no contexto pós-pandêmico, requer a articulação entre os saberes tradicionais e as potencialidades oferecidas pelas tecnologias digitais, com o propósito de formar cidadãos capazes de compreender e intervir criticamente no território. Essa integração demanda uma prática pedagógica reflexiva, que valorize as experiências vividas pelos alunos e estimule o desenvolvimento do pensamento espacial e crítico.

Seguindo essa lógica, Vesentini (2021) advoga por uma reorganização curricular que privilegie a profundidade em vez da extensão, selecionando eixos estruturantes capazes de articular passado, presente e futuro. Temas como globalização, crise ambiental, geopolítica da saúde e reorganização dos territórios em função dos fluxos digitais ganharam uma urgência inédita e devem ocupar um lugar central nessa revisão, permitindo que o aluno compreenda o mundo pós-2020 a partir das lentes da Geografia. Contribuindo com este raciocínio Pinheiro e Lopes (2021, p. 5) expõem que:

"A escola precisa promover uma reorganização curricular que privilegie a análise aprofundada dos temas estruturantes da contemporaneidade, como a globalização, as crises ambientais e as transformações geopolíticas recentes. Essa abordagem possibilita aos estudantes desenvolver uma visão crítica e contextualizada do espaço, articulando passado, presente e futuro, e promovendo uma aprendizagem significativa e conectada com a realidade atual."

Nesse sentido, Hoffmann (2020) defende uma avaliação mediadora, contínua e formativa, que observe o processo de aprendizagem e não apenas seu produto final. Atividades como a elaboração de mapas mentais, a produção de ensaios fotográficos sobre a transformação do lugar ou a participação em debates sobre conflitos territoriais podem oferecer um retrato mais fiel da capacidade do aluno de "pensar geograficamente".

Conforme afirma Callai (2022), a formação docente deve ir além da dicotomia entre o tradicional e o tecnológico, preparando profissionais capazes de realizar escolhas metodológicas conscientes e adequadas ao contexto. Programas de formação que não incorporarem essa dimensão tecnológica de forma articulada à epistemologia da Geografia estarão formando professores despreparados para os desafios do tempo presente. Assim:

No princípio do século XXI torna-se cada vez mais necessário ensinar Geografia de forma crítica e relacional buscando formar cidadãos conscientes e autônomos, capazes de identificar e dispostos a transformar as grandes desigualdades sociais que ainda persistem. Para atender tal realidade é necessário o

desenvolvimento de um novo aporte teórico-metodológico, bem como uma formação profissional adequada, na qual a articulação entre a teoria e prática é fundamental (Sousa, *et al.* 2016, p.1).

Nesse cenário, ou seja, no contexto pandêmico e pós-pandêmico, a formação docente em Geografia precisa ir além do domínio técnico das ferramentas digitais e envolve a integração crítica dessas tecnologias às práticas pedagógicas. Como destaca Souto e Morais (2021), a utilização das mídias digitais e da internet, quando planejada especificamente, pode ser um recurso específico para o ensino, mas depende da oferta de condições e da formação contínua dos professores para que a prática educativa seja realmente eficaz. Além disso, eles ressaltam que a reflexão constante sobre o papel do professor e o exercício profissional são fundamentais para enfrentar os desafios impostos pela pandemia e para a construção de uma educação mais inovadora e conectada à realidade (Souto; Morais, 2021).

Portanto, no contexto pós-pandêmico, o ensino de Geografia enfrenta desafios importantes decorrentes das perdas ocorridas durante o ensino remoto, especialmente relacionados à compreensão dos conceitos espaciais e à leitura cartográfica. Segundo Santos e Queiroz (2021), o retorno as aulas presenciais, embora aguardado com grande expectativa, trouxe consigo uma série de desafios. A adoção de medidas sanitárias rigorosas como o uso de máscaras, a higienização frequente das mãos e o distanciamento físico mostrou-se fundamental para assegurar a proteção de toda a comunidade escolar. Contudo, tais medidas também provocaram mudanças significativas na dinâmica cotidiana da escola e nas formas de interação social entre os estudantes.

2.3 Práticas pedagógicas aplicadas no ensino no período pós-pandêmico: contexto geral

Nota-se que as instituições escolares, têm enfrentado dificuldades crescentes para garantir um ensino de qualidade aos educandos, especialmente porque a defasagem no processo formativo foi acentuada desde o início da pandemia de Covid-19. Diante da incapacidade de assegurar acesso adequado à internet para todos os estudantes, muitos governos ao redor do mundo optaram por implementar modalidades mistas de ensino a distância, combinando recursos digitais com programação educacional transmitida pela televisão e pelo rádio, além da distribuição de materiais impressos (Silva, 2023).

Contudo, conforme defendem Gatti et al. (2019), a consolidação de práticas educacionais em larga escala demanda diretrizes claras, baseadas em evidências, capazes de orientar a atuação de educadores e instituições. Nesse sentido, a qualidade educacional está associada a processos sistematicamente organizados e a mecanismos avaliativos rigorosos, que asseguram coerência e efetividade às ações pedagógicas. Assim:

Nas atuais circunstâncias de velocidade e mobilidade com que os avanços tecnológicos têm adentrado na sociedade, ocorrem inúmeras transformações e desenvolvimento nas diversas esferas, sobretudo no âmbito educacional. A expansão das tecnologias, sobretudo das TD, pode democratizar e ampliar o processo de ensino e aprendizagem rompendo com os limites do espaço, do tempo, da heterogeneidade e dos recursos (Santana, 2020, p.29).

Em relação a isto, as metodologias ativas também ganharam relevância nesse cenário, de acordo com Moraes, Monteiro e Silva (2025) as metodologias ativas de aprendizagem empregam diversas ferramentas que estimulam a interação entre os alunos, entre alunos e professores e entre os estudantes e os materiais didáticos. Essas abordagens favorecem a construção de um ambiente colaborativo, no qual cada estudante assume responsabilidade pelo próprio aprendizado e é incentivado a apoiar os colegas, de modo que todos tenham oportunidades de avançar. Sobre esse cenário afirmar-se que:

Cabe aos profissionais da educação, tanto a nível individual quanto institucional, iniciarem um processo de ressignificação de sua prática pedagógica a partir dos problemas que vinham anteriormente crescendo e, com a situação de pandemia, escancaram-se (Gomes; Saheb, 2022, p. 4).

Dessa maneira, a consolidação das atividades vinculadas ao uso de tecnologias no processo educacional apresenta perspectivas bastante positivas, pois demonstra que uma situação adversa impulsionou a apropriação de recursos que já estavam potencialmente disponíveis, além de promover melhorias estruturais indispensáveis naquele contexto. Estratégias como aulas colaborativas, aprendizagem em nuvem, ensino híbrido, entre outras, evidenciam práticas que tornam o processo de ensinar e aprender mais dinâmico, flexível e alinhado às demandas contemporâneas (Santos; Oliveira, 2024).

Segundo Barros (2019), o uso das tecnologias da informação e comunicação na elaboração de planos de aula e no desenvolvimento de estratégias de ensino pode favorecer um ambiente de aprendizagem mais qualificado, ao ampliar as fontes de

pesquisa disponíveis e diversificar as formas de aplicação dos conteúdos estudados. Sendo assim, afirma-se que:

O impacto da pandemia no processo de ensino-aprendizagem é evidente não apenas nas lacunas cognitivas dos estudantes, mas também nas dimensões socioemocionais que influenciam sua motivação e engajamento. Essas alterações desencadeiam práticas pedagógicas que consideram o desenvolvimento integral do aluno, promovendo não só o aprendizado acadêmico, mas também o fortalecimento das competências sociais e emocionais, permitindo para o sucesso escolar e pessoal." (Gabriel; Souza, 2023, p. 97).

Assim, o contexto pós-pandêmico reafirmou a importância de repensar o papel da escola e do professor diante das novas demandas sociais. A consolidação de práticas pedagógicas inovadoras requer o fortalecimento de uma cultura escolar aberta à experimentação, à colaboração e à integração entre ensino, tecnologia e cidadania. Nesse sentido, Vilaça (2024) defende que a inovação pedagógica deve ser compreendida como processo permanente, e não como resposta momentânea à crise sanitária, exigindo políticas de formação e gestão sustentáveis.

Portanto, as práticas pedagógicas aplicadas no ensino pós-pandêmico não podem ser vistas como simples continuidade das experiências emergenciais vividas durante a pandemia, mas como um campo fértil de reconstrução da educação. Tais práticas devem articular inovação tecnológica, equidade social e qualidade pedagógica, a fim de consolidar uma educação mais inclusiva, participativa e conectada com os desafios contemporâneos.

3 METODOLOGIA

3.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracteriza-se como quali-quantitativa, segundo Bueno (2018), essa pesquisa recorre a estratégias de coleta, tratamento e análise de dados que abrangem tanto procedimentos qualitativos quanto quantitativos. Para isso, utiliza-se de instrumentos compostos por questões abertas e fechadas, possibilitando a obtenção de informações diversas, que podem ser apresentadas por meio de textos, imagens, gráficos e outros formatos, não se restringindo exclusivamente a dados numéricos. Ademais, as informações obtidas por determinado instrumento podem ser aprofundadas mediante observações sistemáticas, enriquecendo a compreensão do fenômeno investigado.

Neste contexto, o presente trabalho, almejando atingir os objetivos elencados, adotou-se os métodos de pesquisa bibliográfica conforme Gil (2008), e pesquisa de campo de acordo com Prodanov e Freitas (2013). Desse modo, foi feito o levantamento bibliográfico por meio de livros, artigos, monografias, teses e dissertações que versam sobre o conteúdo proposto neste trabalho, destacando o período pandêmico e pós pandêmico no contexto do ensino de geografia na educação básica.

A pesquisa de campo se constituiu da aplicação de um questionário destinado ao professor e outro aos alunos do ensino médio na escola de educação básica escolhida na cidade de Caxias, MA. O questionário contou com perguntas abertas e fechadas. De acordo com Oliveira (2011), as questões abertas possibilitam respostas mais amplas e detalhadas, permitindo captar a diversidade e a profundidade das percepções dos participantes, enquanto as questões fechadas oferecem maior objetividade, favorecendo a tabulação e análise quantificada dos dados.

A coleta foi realizada mediante autorização da gestão escolar e após esclarecimento prévio aos participantes sobre os objetivos da pesquisa. A participação ocorreu de forma voluntária, garantindo anonimato e sigilo das informações, conforme os princípios éticos da pesquisa em educação. A aplicação dos instrumentos foi realizada em 12 de novembro de 2025, envolvendo dois professores do 1º ano do ensino médio e trinta alunos, também do 1º ano do ensino médio em uma unidade escolar cívico militar de Caxias, MA.

Para situar espacialmente o local pesquisado utilizou-se técnicas de geoprocessamento para elaborar um mapa de localização, conforme Camara *et al.* (2001). Assim, elaborou-se um mapa de localização, composto por três níveis cartográficos: 1) localização do Maranhão no território brasileiro; 2) localização do município de Caxias no estado do Maranhão; 3) Localização da escola dentro da malha urbana de Caxias. Para a elaboração do mesmo utilizou-se o Software Livre Qgis, em sua versão 3.34.15, utilizando dados georreferenciados obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2023, e complemento com imagens de satélite do Google Earth de 2025.

Os dados coletados foram organizados em gráficos para sistematizar as informações obtidas. Posteriormente, realizou-se a interpretação dos resultados à luz do referencial teórico adotado, conforme Trivnõs (1987), possibilitando a compreensão dos fenômenos investigados, assim foi possível o estabelecimento de relações entre os achados, os objetivos propostos da pesquisa.

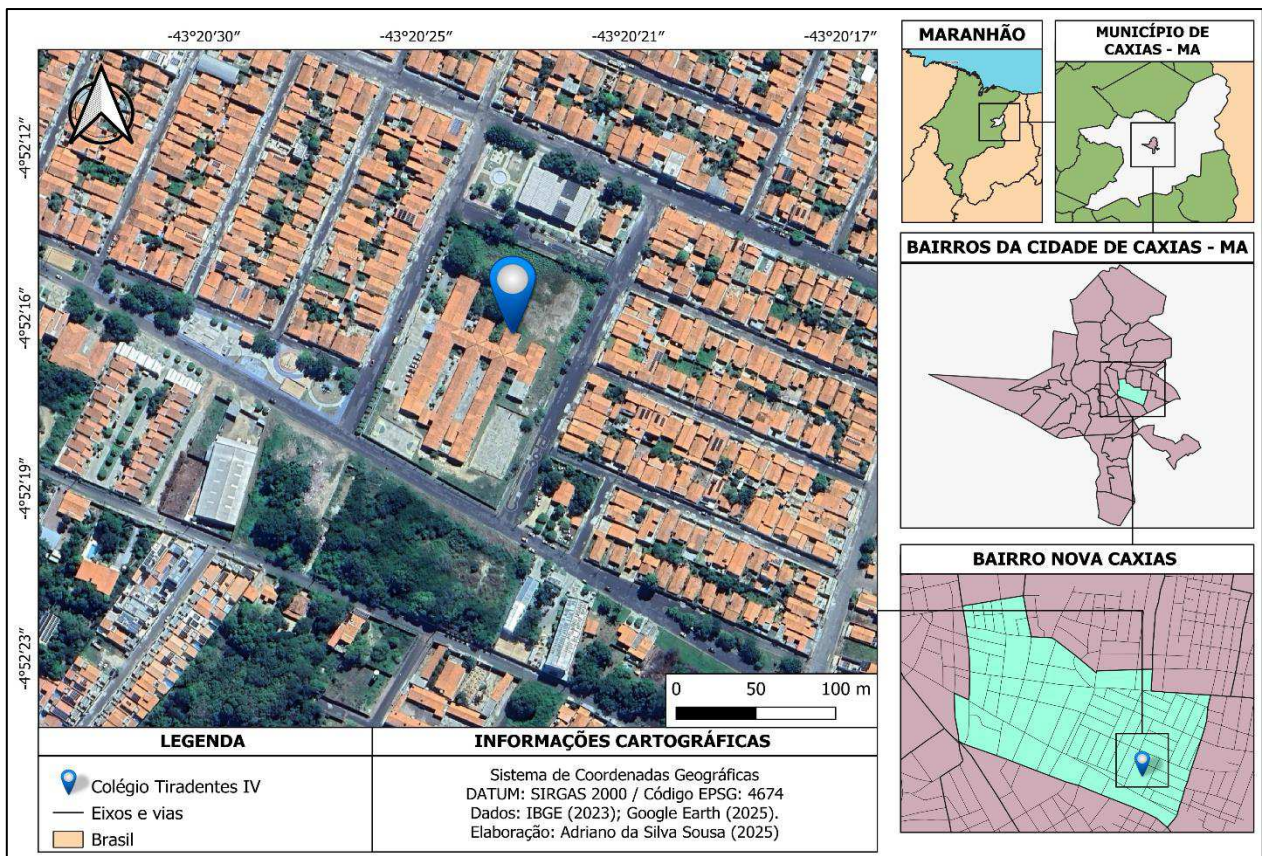
Trivnõs (1987) afirma que a análise de conteúdo constitui um método versátil, podendo ser aplicada tanto em pesquisas quantitativas quanto em investigações qualitativas, uma vez que permite examinar informações de natureza numérica e textual de forma sistemática e interpretativa. Desse modo, os dados foram organizados em categorias construídas após a leitura do material, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento e interpretação dos resultados. As categorias e subcategorias estão dispostas em quadros analíticos, acompanhados de descrições interpretativas que permitem compreender os sentidos atribuídos pelos participantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da área de estudo

O município de Caxias localiza-se no leste do estado do Maranhão, integrando a Mesorregião dos Cocais e ocupando posição estratégica na microrregião homônima. Com uma extensão territorial aproximada de 5.224 km² e população estimada em mais de 160 mil habitantes, o município destaca-se como um dos principais centros econômicos e culturais da região. Sua base econômica é diversificada, abrangendo os setores comercial, agropecuário e de serviços, além de desempenhar papel significativo no cenário educacional do interior maranhense (IBGE, 2024). Nesse contexto urbano, a área de estudo foi uma unidade escolar cívico militar. A unidade de ensino localiza-se na Avenida 02, s/n, Conjunto Cohab, Bairro Nova Caxias, no município de Caxias–MA, apresenta uma estrutura administrativa organizada e hierarquizada. A figura 1 destaca a localização da instituição.

Figure 1 - Mapa de localização geográfica da área de estudo em Caxias, MA.



Fonte: Base de dados – IBGE (2023); Google satélite (2025). Organização: Sousa, A.S. (2025)

No que se refere à infraestrutura, o Colégio Militar dispõe de uma estrutura física considerada adequada ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, contando com auditório, refeitório amplo, biblioteca, sala de informática, laboratório multidisciplinar e sala destinada à banda de música, além de 16 salas de aula climatizadas, o que contribui para um ambiente escolar mais favorável ao aprendizado. Há um membro na Direção Geral que é exercida pelo Major, tendo como Comandante do Corpo de Alunos um Tenente. A escola dispõe de uma gestão pedagógica e conta ainda com o apoio administrativo de um Auxiliar Administrativo (CMTIV, 2020).

A unidade escolar cívico militar, que constitui-se o lócus desta pesquisa, atende aproximadamente 1.000 alunos, distribuídos entre os Ensinos Fundamental e Médio, nos turnos matutino e vespertino, respectivamente. A instituição adota como filosofia educacional não apenas a transmissão dos conteúdos curriculares, mas também a formação integral dos estudantes, pautada na disciplina, no respeito às tradições cívicas e no exercício da cidadania, com vistas à promoção de um melhor rendimento no processo de ensino e aprendizagem (CMTIV, 2020).

4.2 Análise dos impactos da pandemia de covid-19 no ensino de geografia na visão dos docentes

A apresentação e interpretação dos resultados desta pesquisa partem do entendimento de que os dados educacionais, sobretudo quando produzidos em contextos de crise como a pandemia de Covid-19, não constituem meras evidências descritivas, mas expressões de processos sociais mais amplos. Assim, a análise dos questionários aplicados aos professores de Geografia e alunos, foi orientada por uma abordagem qualiquantitativa, valorizando tanto os elementos objetivos presentes nas questões fechadas quanto a densidade interpretativa das respostas abertas, permitindo compreender não apenas o que foi respondido, mas como e por que tais percepções emergem.

Ressalta-se que, embora o questionário aplicado tenha contemplado as questões centrais necessárias ao alcance dos objetivos da pesquisa, algumas perguntas inicialmente previstas não foram incluídas na versão final dos resultados, essa decisão ocorreu de forma intencional e fundamentada, visando priorizar questões consideradas essenciais para a análise do fenômeno investigado. Nesse sentido, os dados aqui

sistematizados não são tratados como verdades isoladas, mas como construções discursivas que refletem tensões pedagógicas, desigualdades estruturais e desafios profissionais intensificados pelo ensino remoto emergencial. Desse modo, optou-se por iniciar a análise com as respostas apresentadas pelos professores. Nesta análise mantem-se o sigilo em relação aos nomes, assim, os profissionais foram denominados como professor A e professor B.

A princípio foi questionada a opinião dos mesmos sobre como o período pandêmico afetou a percepção dos alunos sobre a importância da Geografia. Ambos os professores destacaram que houve dificuldades na aprendizagem e relação professor e aluno, afetando de forma negativa o processo de ensino e aprendizagem. No então, as respostas dadas pelos professores, não foi possível identificar se a pandemia afetou a percepção sobre a disciplina de forma mais direta, o que, de uma certa forma, é preocupante para o contexto atual da disciplina pós-pandemia.

Quando questionados sobre quais recursos e materiais foram priorizados para o ensino da Geografia durante o período de ensino remoto emergencial e quais plataformas foram mais utilizadas para a transmissão de conteúdo e interação em tempo real, eles responderam que os principais recursos e plataformas digitais usadas por eles no período pandêmico foram a plataforma Google Classroom, o aplicativo de conversa WhatsApp e a plataforma Google Meet. Nesse cenário, para Souto e Morais (2021) ter acesso a múltiplas fontes de informação tornou-se essencial para a elaboração das aulas.

assim, conforme as respostas, essas ferramentas foram essenciais para minimizar os impactos do distanciamento físico e garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem em Geografia durante o período pandêmico. Além das aulas expositivas, os materiais em PDF ou Slides apresentados eram enviados para os alunos pelas redes sociais, geralmente em grupos de WhatsApp da turma.

Desse modo, sobre a utilização de ferramentas digitais e metodologia, surgiu o seguinte questionamento feito a eles, a respeito de quais metodologias de ensino eles consideravam mais eficazes e quais utilizaram com maior frequência no período remoto. E se elas facilitaram o processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Em resposta ambos os professores destacaram que realizaram aulas expositivas - dialogadas, onde o

ensino remoto por meio das plataformas foi de suma importância, no entanto, com limitações.

Essas limitações são evidenciadas no próximo questionamento quando perguntado aos professores sobre a principal dificuldade enfrentada pelos alunos para acessar as aulas de Geografia. Sobre isso, o professor A e o professor B, destacaram em suas respostas que as dificuldades estavam fincadas na falta de internet, falta de aparelhos eletrônicos, e no ambiente doméstico não propício para estudar. Além disso, ausência de compromisso dos estudantes em comparecer as aulas online e a realização das atividades propostas foram informadas como as maiores dificuldades vividas.

Nesse sentido, além dos aspectos estruturais, os docentes também destacaram a baixa frequência dos estudantes nas aulas on-line e a dificuldade de engajamento na realização das atividades propostas. No entanto, essa ausência de participação não pode ser atribuída unicamente à falta de compromisso discente. Ela se mostra como um reflexo dos próprios limites do ensino remoto emergencial, marcado por uma transição abrupta, pela falta de preparação prévia dos profissionais da educação e pela ausência de políticas públicas eficazes que garantissem condições adequadas tanto para estudantes quanto para professores.

Nesse sentido, as dificuldades mencionadas expõem não apenas fragilidades no acesso às tecnologias, mas também demonstram os desafios vivenciados pelos docentes no processo de mediação pedagógica e na adaptação dos conteúdos à realidade virtual. Neste contexto, Gomides e Silva (2024) afirma que o ensino remoto emergencial foi implementado de forma acelerada, sem levar em conta as diversas realidades existentes no contexto brasileiro.

Nota-se que durante o período de pandemia, alguns conteúdos da educação básica, no que se refere ao ensino de Geografia, tiveram mais dificuldade de transmissão do que outros. Assim, questionou-se sobre quais foram os conteúdos de Geografia onde o professor percebeu maior dificuldade nas aulas remota, em resposta a esse questionamento, com unanimidade, conforme destacados pelos professores a dificuldade esteve direcionada aos conteúdos relacionados a geografia física.

Os conteúdos de Geografia Física, normalmente exigem um forte apoio visual, uso de mapas físicos, imagens de satélite, gráficos climáticos, esquemas e atividades

práticas que facilitam a compreensão dos fenômenos naturais. Nesse cenário, conforme os professores, os mesmos se utilizavam dos materiais disponíveis, slide, imagens e vídeos para desenvolver o conteúdo via plataformas digitais. Para Pontuschka (2021), é fundamental que o ensino de Geografia valorize a vivência subjetiva do espaço, utilizando-a como ponto de partida para construir, em conjunto com os alunos, uma compreensão crítica e contextualizada do território.

Desse modo, conforme as respostas, a própria dinâmica das aulas remotas dificultou a realização de explicações mais detalhadas, a interação em tempo real e o acompanhamento das dificuldades dos alunos nos assuntos lecionados. Muitos estudantes apresentavam problemas de conexão, o que fragmentava o raciocínio durante as explicações de conteúdos que já são, por natureza, mais complexos. Dessa forma, o ensino remoto evidenciou o quanto os conteúdos de Geografia Física dependem de estratégias visuais e metodologias diferenciadas, tornando seu trabalho pedagógico mais desafiador em contextos de ensino a distância.

Dessa maneira, foi indagado como os professores pesquisados avaliam, de forma geral, a experiência do ensino remoto emergencial para a disciplina de Geografia, verificando como a pandemia impactou a construção dos conceitos geográficos fundamentais pelos alunos. Para os professores a experiência foi regular, no entanto, em relação a construção dos conceitos geográficos fundamentais pelos alunos, houve um impacto negativo, pois o contexto revelou uma realidade de desigualdade entre os alunos. Como exemplo, foi relatado que muitos estudantes não possuíam acesso contínuo à internet ou dependiam de celulares compartilhados com outros familiares, o que dificultava o acompanhamento das aulas síncronas.

Também foram frequentes as dificuldades na compreensão de conceitos básicos, como espaço geográfico, território, lugar, paisagem e região, já que esses conteúdos exigem maior mediação pedagógica, uso de mapas, imagens e atividades práticas, inviabilizadas ou reduzidas no ensino remoto. Além disso, alguns professores relataram que alunos da zona rural ou de bairros periféricos apresentavam maior dificuldade de participação nas atividades, o que resultou em lacunas de aprendizagem e descontinuidade na construção do pensamento geográfico.

A apropriação conceitual, por sua vez, exige experiências concretas que possibilitem ao estudante relacionar teoria, prática e vivência. Além disso, as interações pedagógicas mobilizam dimensões afetivas e emocionais, nas quais o vínculo, o acolhimento e o diálogo face a face entre pares assumem papel estruturante. Essas relações, sejam entre adultos, entre adultos e crianças ou entre jovens e seus grupos de convivência, constituem pilares essenciais para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e para a efetivação do processo formativo em sua integralidade (Callai, 2022).

Nota-se que no período pós-pandêmico, o ensino de Geografia enfrentou o desafio de consolidar as mudanças vivenciadas durante o retorno presencial, equilibrando o uso de recursos digitais com práticas que almejavam valorizar experiência territorial, a leitura crítica do espaço e a construção conceitual significativa.

Prosseguindo com os questionários, foi pedido aos professores alguns comentários, observação ou sugestão sobre o ensino de Geografia no contexto pós-pandêmico que gostariam de acrescentar. O professor A relatou que os professores precisam utilizar mais equipamentos tecnológicos e valorizar mais as aulas de campo. Enquanto o professor B relatou que é preciso aproximar o ensino de geografia com o uso de tecnologias, mas os recursos e as condições de trabalho ainda não favorecem os professores.

A análise das respostas dos professores A e B revelam dois aspectos fundamentais do ensino de Geografia no cenário pós-pandêmico: a necessidade urgente de integração tecnológica e a valorização de metodologias ativas, como as aulas de campo. No entanto, essas demandas esbarram em uma realidade estrutural que limita a atuação docente, ou seja, a falta de recursos adequados e condições de trabalho favoráveis.

Essa contradição expõe um desafio central: enquanto a pandemia acelerou a percepção sobre a importância das ferramentas digitais e de experiências educativas mais concretas, muitas escolas ainda não oferecem suporte material, formação continuada ou infraestrutura para que essas práticas sejam efetivamente incorporadas. Assim, segundo Gomes e Saheb (2022) Compete aos profissionais da educação, em

âmbito individual e institucional, desencadear um processo de ressignificação de suas práticas e concepções.

Portanto, percebe-se que não basta apenas recomendar o uso de tecnologias ou a realização de aulas de campo na disciplina de geografia, é preciso que haja políticas educacionais que assegurem acesso a equipamentos, conectividade, capacitação docente e segurança logística para saídas pedagógicas, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, sem isso, corremos o risco de aprofundar desigualdades já existentes entre redes de ensino, escolas e estudantes.

A seguir, esta seção apresenta uma análise minuciosa dos impactos da pandemia de Covid-19 no ensino de Geografia a partir da visão dos discentes, destacando como os alunos perceberam o processo de aprendizagem durante o ensino remoto emergencial e no retorno às atividades presenciais. Foram examinadas suas concepções sobre a importância da disciplina, as dificuldades enfrentadas no acesso às aulas, o uso de ferramentas digitais, a compreensão dos conteúdos, especialmente aqueles considerados mais complexos, e as mudanças observadas em seu desempenho após o período pandêmico.

4.3 Análise dos impactos da pandemia de covid-19 no ensino de geografia na visão dos discentes

Após a análise dos resultados obtidos nos questionários aplicados aos professores, a pesquisa avança para a compreensão da perspectiva discente, considerando o estudante como sujeito central do processo formativo em Geografia. Assim, a seguir, apresentam-se e discutem-se os resultados do questionário aplicado a 30 alunos do 1º do ensino médio, buscando evidenciar suas percepções a cerca das mediações pedagógicas, os conteúdos, o uso de ferramentas digitais e a relação entre o ensino de Geografia durante e após o período pandêmico, e a compreensão de problemas concretos do cotidiano.

A priori, foi questionado sobre percepção da importância que os alunos possuem da ciência geográfica para a formação dos mesmos. Todos os alunos destacaram que a ciência geográfica enquanto disciplina possui importância para entender e compreender

o espaço geográfico, seus aspectos físicos naturais, como vegetação, clima, trabalho, política e globalização.

As respostas dos alunos confirmam uma percepção positiva e ampla sobre a importância da Geografia, destacando sua capacidade de explicar desde elementos naturais até processos sociais complexos, como a globalização. Isso indica que os estudantes reconhecem o caráter integrador e multidimensional da disciplina, um aspecto fundamental para sua formação cidadã.

No entanto, essa visão pode estar centrada em uma compreensão da Geografia como ciência explicativa do espaço, sem necessariamente avançar para uma leitura crítica e ativa sobre como esse espaço é produzido, disputado e transformado. Nesse contexto, Pinheiro e Lopes (2021) destacam que é necessário que a escola desenvolva uma reorganização curricular que coloque em evidência a análise aprofundada dos principais temas estruturantes da atualidade.

Desse modo, embora os alunos identifiquem corretamente os componentes estudados pela Geografia, o desafio pedagógico pós-pandêmico deve ser a garantia que esse conhecimento se torne um instrumento de leitura crítica do mundo, e não apenas um repertório descritivo, assim, isso exige metodologias que liguem os conteúdos à realidade local e global, usando tanto tecnologias quanto aulas de campo como meios para problematizar o espaço e seus conflitos.

Assim, a pesquisa direta procurou saber dos discentes quais os aparelhos eletrônicos mais utilizados para acompanhar as aulas remotas, destacando celular, notebook, tablet, outros meios alternativos ou nenhum aparelho, em resultado destaca-se o celular como o dispositivo mais utilizado, esse resultado pode ser atribuído à sua elevada portabilidade, seguido do tablet, e posteriormente em um número menor de usuários o notebook.

De modo geral, a distribuição dos dados revela uma clara tendência à mobilidade e à praticidade, indicando que o celular se estabelece como a principal ferramenta de acesso à informação e apoio ao processo de aprendizagem, alinhando-se às transformações contemporâneas no uso das tecnologias digitais no contexto educacional. Kenski (2021) destaca que as tecnologias digitais móveis, exige mediação

pedagógica adequada, infraestrutura mínima e condições materiais que garantam a efetiva participação dos estudantes nas atividades propostas.

Embora os resultados indiquem a predominância do celular como principal dispositivo de acesso às aulas remotas, esse dado deve ser analisado à luz das transformações no modo de uso desse equipamento pelos estudantes, porque tradicionalmente o celular é associado às redes sociais, e passou a assumir uma nova função no contexto educacional, exigindo dos discentes mudanças comportamentais, maior autonomia e responsabilidade no gerenciamento do tempo e da atenção referente ao uso pedagógico e recreativo do dispositivo.

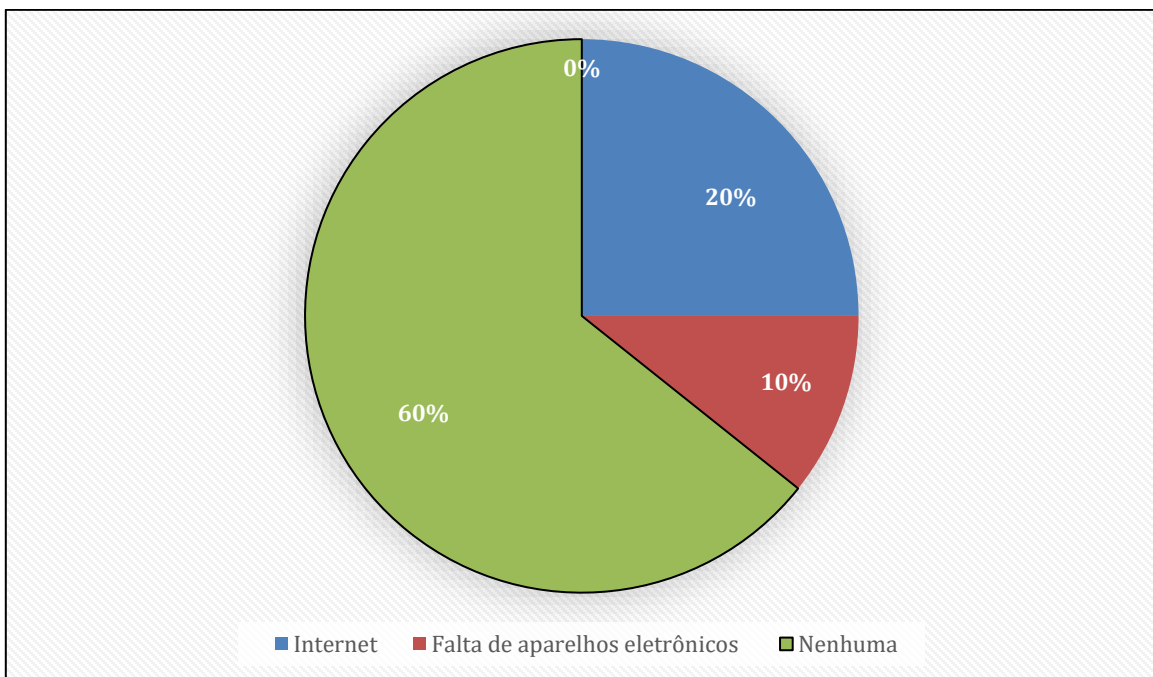
Os questionamentos referentes aos recursos utilizados nas aulas de geografia, metodologias adotadas pelos professores, plataformas usadas para transmissão do conteúdo em classe, tiveram respostas dos discentes em conformidade com as respostas destacadas pelos professores. Sendo assim, foi questionando aos alunos se o uso de ferramentas digitais facilitou o processo de aprendizagem na disciplina, onde todos os entrevistados responderem que sim.

A unanimidade dos alunos sobre o benefício das ferramentas digitais reforça a ideia de que a pandemia acelerou a familiarização e a expectativa dos estudantes por um ensino mais mediado por tecnologias, especialmente em uma disciplina como a Geografia, que pode se valer de mapas interativos, softwares de análise espacial, imagens de satélite, plataformas colaborativas e simuladores. No entanto, é preciso cautela ao interpretar ou destacar essa facilitação, embora as ferramentas digitais possam tornar o conteúdo mais acessível, dinâmico e visual, sua eficácia pedagógica depende de como são utilizadas.

Nota-se que nesse contexto, as tecnologias podem ser vistas apenas como um meio de reproduzir velhas formas de ensino em novo suporte, e não como ferramenta de transformação metodológica, o que pode tornar algo preocupante para o ensino. Assim, a fala dos alunos valida a importância da tecnologia, mas também coloca uma responsabilidade sobre o sistema educacional. Vesentini (2021) destaca que a simples adoção de ferramentas tecnológicas, se não acompanhada por mudanças nas práticas pedagógicas, tende a reproduzir modelos tradicionais de ensino em novos suportes

Nesse cenário, o gráfico 01, logo em seguida, destaca o resultado do questionamento sobre a principal dificuldade enfrentada pelos alunos para o acesso as aulas de geografia no período pandêmico, onde os resultados revelam um cenário contraditório, ou seja, ao mesmo tempo em que grande parte dos alunos não reconheceu dificuldades diretas de acesso.

Gráfico 1 – Principais dificuldades para o acesso as aulas de geografia no período pandêmico relatadas pelos discentes.



Fonte: pesquisa direta (2025).

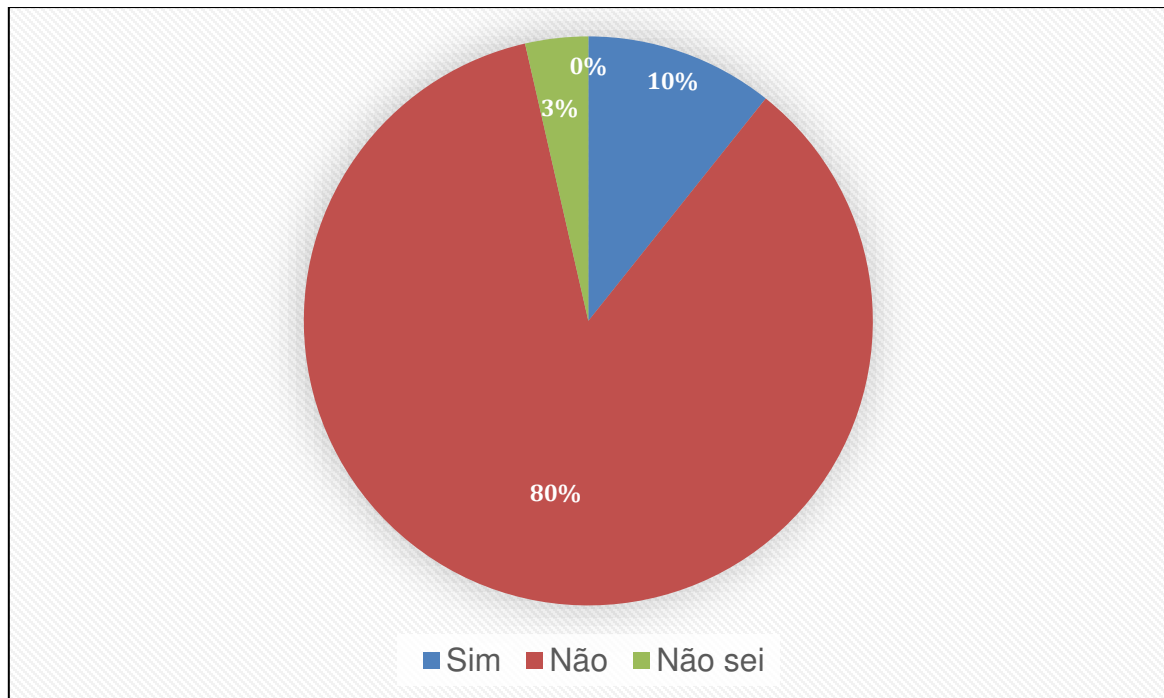
Os resultados revelam um cenário contraditório. Ao mesmo tempo em que grande parte dos alunos afirmou não ter enfrentado dificuldades diretas de acesso (60%), observa-se que uma parcela significativa relatou problemas relacionados à falta de internet (20%) e à ausência de aparelhos eletrônicos adequados (10%), geralmente referente a celular e computador. Esses dados evidenciam que, embora a maioria tenha relatado condições favoráveis, ainda existe um grupo expressivo que enfrentou barreiras estruturais que comprometeram a participação plena nas atividades remotas.

Assim, a análise crítica do gráfico evidencia que o ensino remoto, longe de representar uma solução equitativa, acentuou desigualdades já presentes, desse modo,

os números funcionam como indício de que políticas públicas de inclusão digital permanecem insuficientes. O dado majoritário não anula a urgência representada pela minoria, ao contrário, é ela que denuncia a fragilidade estrutural do processo de ensino remoto (Gomides; Silva, 2024).

Desse modo, para complementar o questionamento anterior, indagou se após a pandemia os alunos sentiram alguma dificuldade em acompanhar os assuntos da disciplina de geografia. A resposta é expressa em três tópicos: sim, não, não sei. A seguir, o gráfico 02 demonstra as repostas dos alunos a essa questão:

Gráfico 2 - Dificuldades em acompanhar os assuntos da disciplina de geografia após o período pandêmico



Fonte: pesquisa direta (2025).

Observa-se que a predominância de respostas negativas (80%) sugere um cenário de retomada do acompanhamento pedagógico da disciplina, possivelmente associado à volta das aulas presenciais, reorganização das práticas didáticas e maior estabilidade no acesso aos recursos educacionais. Esse dado pode refletir que, para a maioria, as barreiras mais intensas se concentraram no momento do ensino remoto, e não necessariamente permaneceram no período pós-pandêmico. É possível interpretar esse

resultado como um indicativo de alívio das tensões vivenciadas durante o ensino remoto, quando as desigualdades digitais, a ausência de rotina escolar e a fragilidade das interações pedagógicas impactaram diretamente o acompanhamento das disciplinas.

Assim, o retorno presencial pode ter sido percebido como uma melhora relativa, e não absoluta das condições de aprendizagem, o que explicaria o alto índice de respostas negativas. Portanto, embora o gráfico indique uma sensação majoritariamente positiva, o resultado pode esconder desigualdades internas, variações individuais e possíveis perdas acumuladas no período pandêmico.

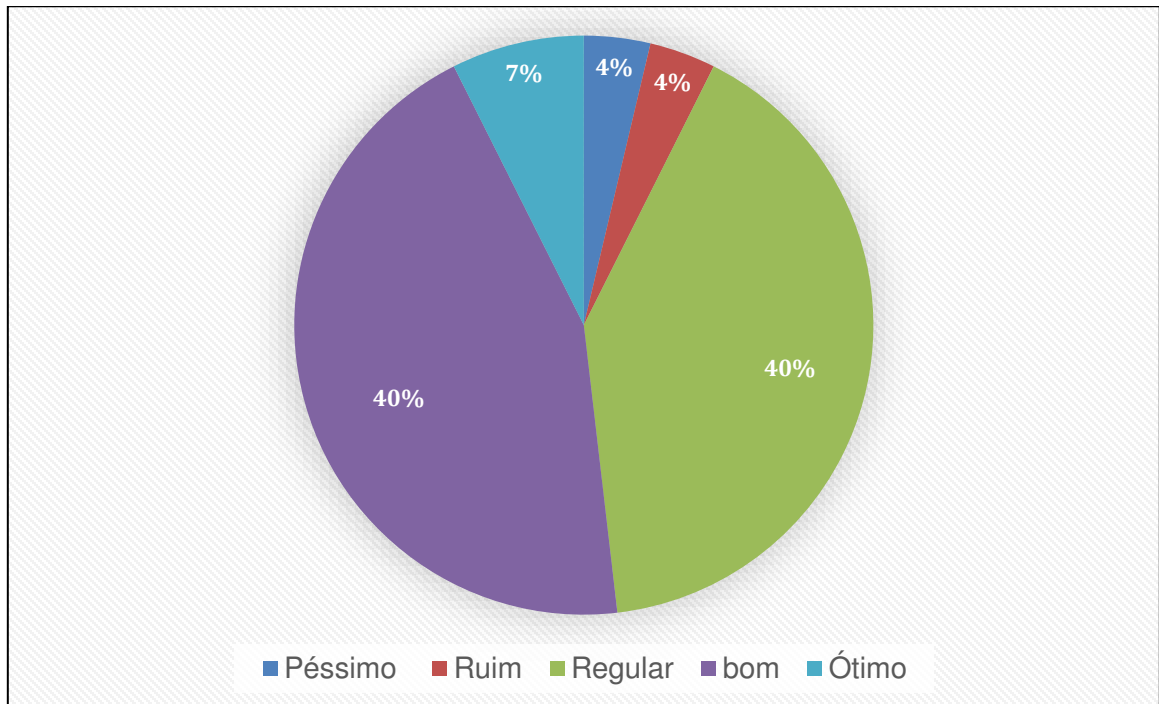
Neste cenário, foi indagado sobre a frequência da utilização de tecnologias nas aulas de geografia, para verificar se a frequência de uso aumentou ou diminuiu após a pandemia, utilizando os critérios: sim, não, ou mesma frequência de antes. Os resultados mostram que houve um aumento no uso das tecnologias, especialmente do celular, que passou a ser utilizado com mais frequência para o envio de atividades, o repasse de informações e a comunicação entre professores e estudantes.

Esse crescimento no uso do celular indica uma mudança na rotina das aulas e na forma de organização do trabalho pedagógico, tornando esse dispositivo um recurso cada vez mais presente no processo de ensino e aprendizagem, porém, não deixar de um desafio constante para os professores em buscar conhecimento para melhor orientar a utilização dos dispositivos móveis, já que os discentes estão mergulhados em entretenimentos em redes sociais.

Em relação a algumas dificuldades nas aulas remotas, foi pedido para alunos, conforme a indagação contida no questionário, para eles informar quais conteúdos de geografia perceberam maiores dificuldades de aprendizagem. A resposta da maioria dos alunos está relacionada aos conteúdos da geografia física, como por exemplo clima, relevo, vegetação e mapas.

Sobre isto, se faz necessário entender como esses alunos avaliam o ensino remoto durante o período pandêmico, já que houve dificuldades nos entendimentos de determinados conteúdos. Assim, elencou-se os seguintes pontos: péssimo, ruim, regular, bom, ótimo. As respostas estão destacadas no gráfico 03:

Gráfico 3 – Avaliação do ensino remoto na percepção dos estudantes



Fonte: pesquisa direta (2025).

Nota-se que a predominância das avaliações regular e bom evidenciam que os estudantes tiveram uma experiência geral satisfatória com o ensino remoto, mas não totalmente positiva. O fato de apenas 7% considerarem o modelo ótimo sugere que poucos alunos viram o ensino remoto como plenamente eficaz, ou seja, o ensino remoto foi aceito pelos estudantes, porém sem alcançar níveis elevados de excelência.

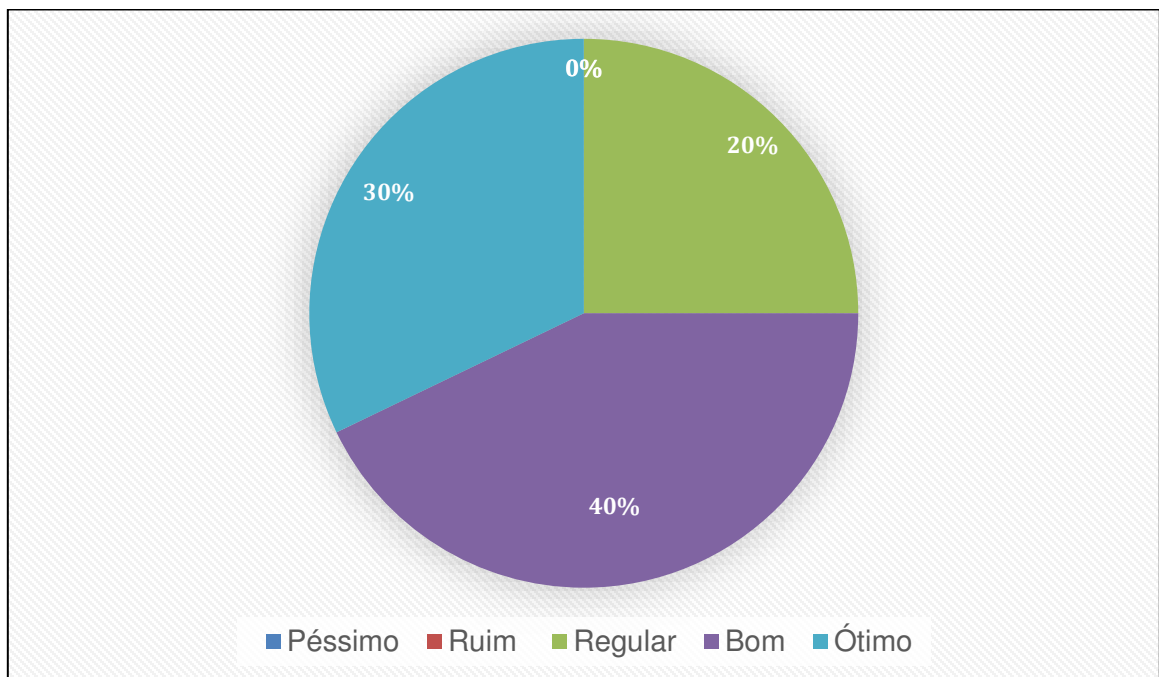
Assim, o gráfico indica que a percepção estudantil sobre o ensino remoto foi marcada por ambivalências, ou seja, de um lado, reconhecimento de sua importância no contexto de crise, de outro, consciência das limitações estruturais como tecnológicas, pedagógicas e emocionais, que dificultaram a plena efetividade do processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o dado reforça a discussão acadêmica que destaca a necessidade de políticas públicas e estratégias metodológicas mais robustas para que o ensino remoto ou híbrido deixe de ser apenas uma solução emergencial e passe a constituir uma prática pedagógica de qualidade. Segundo Santana (2020), as tecnologias digitais no contexto do ensino híbrido precisam estar articuladas a estratégias pedagógicas planejadas para

que se tornem efetivos instrumentos de aprendizagem, e não meros suportes emergenciais sem impacto na qualidade educacional.

Para complementar o contexto da análise, referindo-se ao processo de ensino e aprendizagem em geografia por parte dos alunos, foi questionado como os alunos observam o próprio desempenho em relação os conceitos da disciplina de geografia em um cenário pós pandemia, assim, os participantes puderam avaliar seu próprio nível de compreensão com base nos seguintes critérios: péssimo, ruim, regular, bom e ótimo. As respostas obtidas estão sistematizadas e apresentadas no gráfico 04, permitindo uma visualização clara da percepção dos estudantes acerca de seu desempenho enquanto estudante após o período pandêmico:

Gráfico 4 – Nível de Domínio dos Conceitos de Geografia pelos Estudantes após a Pandemia



Fonte: pesquisa direta (2025).

Os dados sugerem que, apesar das dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto, a maioria dos estudantes percebe avanços ou manutenção satisfatória de sua compreensão dos conteúdos de Geografia. A predominância das categorias bom e ótimo indica que o processo de retomada presencial, aliado ao esforço docente na

reorganização pedagógica, pode ter contribuído significativamente para o fortalecimento do aprendizado após a pandemia.

O percentual de 20% de respostas em regular revela que um quarto dos estudantes ainda apresenta lacunas importantes no domínio dos conceitos da disciplina. Esse contingente não pode ser ignorado, pois evidencia que os efeitos do ensino remoto não foram plenamente superados. Além disso, o fato de não haver registros de avaliações ruim ou péssimo pode indicar um fenômeno recorrente em pesquisas escolares referente a tendência de respostas socialmente desejáveis.

Ou seja, é possível que alguns estudantes tenham evitado apontar avaliações mais negativas por receio de julgamento ou por interpretar o questionário como uma avaliação indireta do trabalho docente. Dessa forma, embora os índices positivos sejam significativos, é necessário considerar a possibilidade de que o desempenho real possa ser menos homogêneo do que os números sugerem.

Portanto, as dificuldades vivenciadas no período pós-pandêmico, tanto por professores quanto por alunos, ainda se fazem presentes, mesmo diante do esforço intensificado da escola em desenvolver um trabalho mais humano e próximo das famílias.

Além disso, os resultados evidenciam que o processo de aprendizagem no período pós-pandêmico demanda não apenas a reorganização pedagógica, mas também a atenção às dimensões socioemocionais que atravessam a vida escolar. A percepção positiva demonstrada pelos estudantes, embora importante, não elimina a necessidade de estratégias contínuas de acompanhamento, acolhimento e reconstrução das práticas educativas.

Ressalta-se que o questionário aplicado aos discentes e docentes não contemplou questões específicas relacionadas às notas ou ao desempenho quantitativo dos alunos. Tal delimitação metodológica ocorreu em razão do objetivo central da pesquisa, que esteve voltado à compreensão do acesso, da frequência de uso e das percepções sobre a utilização das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no contexto pós-pandemia.

Dessa forma, optou-se por privilegiar aspectos qualitativos e descritivos da experiência educacional, como o uso dos dispositivos, as estratégias pedagógicas adotadas e as mudanças na dinâmica das aulas, não sendo possível estabelecer

relações diretas entre o uso das tecnologias e o rendimento escolar mensurado por meio de notas.

4.4 Sugestões de práticas pedagógicas

Em consonância com o objetivo específico desta pesquisa, que buscou sugerir práticas pedagógicas capazes de contribuir para a superação das dificuldades identificadas no ensino de Geografia, os resultados evidenciam a importância de estratégias que considerem a realidade vivenciada por professores e estudantes no período pós-pandêmico. A experiência do ensino remoto demonstrou que, embora as tecnologias digitais tenham possibilitado a continuidade das aulas, seu uso, muitas vezes, ocorreu de forma limitada e pouco orientada, o que reforça a necessidade de uma mediação docente mais próxima e intencional.

Nesse contexto, considerando que o celular foi o principal recurso tecnológico utilizado pelos estudantes, sugere-se que esse dispositivo seja incorporado às aulas presenciais de maneira planejada e crítica, como ferramenta de apoio à aprendizagem. O uso de mapas digitais, imagens de satélite, vídeos curtos e aplicativos educativos pode favorecer maior envolvimento dos alunos e contribuir para a construção de uma leitura mais crítica do espaço geográfico, desde que articulado a objetivos pedagógicos claros.

Os dados da pesquisa também revelaram dificuldades recorrentes na compreensão de conteúdos ligados à Geografia Física durante o ensino remoto, diante disso, torna-se fundamental valorizar práticas que aproximem os conteúdos da realidade dos estudantes, como aulas de campo, atividades práticas com mapas, maquetes e recursos visuais, além de situações-problema relacionadas ao espaço vivido, essas estratégias possibilitam maior significado aos conteúdos e fortalecem a aprendizagem.

Além disso, observou-se que parte dos alunos retornou ao ensino presencial apresentando lacunas de aprendizagem, sobretudo aqueles que enfrentaram maiores dificuldades de acesso às aulas remotas, assim, recomenda-se a adoção de ações pedagógicas contínuas de acompanhamento, como atividades de reforço, momentos de revisão e monitorias, respeitando o ritmo e as necessidades dos estudantes, de modo a favorecer sua permanência e progressão no processo educativo.

Por fim, destaca-se que a superação das dificuldades identificadas não depende apenas de recursos materiais, mas também do investimento na formação continuada dos professores, a qualificação docente, especialmente no que se refere ao uso pedagógico das tecnologias e ao desenvolvimento de metodologias mais interativas e reflexivas, pode contribuir para práticas mais inclusivas e para a melhoria contínua do ensino de Geografia na escola pesquisada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que, embora a maioria dos alunos tenha relatado acesso às aulas remotas, uma parcela significativa enfrentou dificuldades relacionadas à instabilidade da internet, à ausência de dispositivos adequados e ao ambiente doméstico pouco favorável ao estudo, fatores que impactaram diretamente a compreensão de conteúdos, sobretudo aqueles vinculados à Geografia Física, como relevo, clima e leitura cartográfica, esses resultados foram corroborados pelas falas dos professores, que destacaram dificuldades no acompanhamento das aprendizagens e na consolidação de conceitos geográficos fundamentais durante o período pandêmico.

No período pós-pandêmico, os dados evidenciam uma retomada gradual do acompanhamento das aulas de Geografia, com a maioria dos estudantes avaliando positivamente seu desempenho. Contudo, os resultados também indicam a permanência de lacunas de aprendizagem em parte do grupo pesquisado, especialmente entre os alunos que enfrentaram maiores dificuldades de acesso durante o ensino remoto, observou-se, ainda, o aumento do uso das tecnologias digitais nas aulas presenciais, sobretudo do celular, agora incorporado como ferramenta de apoio pedagógico, embora os docentes apontem limitações estruturais e institucionais para o uso mais qualificado desses recursos.

Dessa forma, conclui-se que, no contexto da unidade escolar cívico militar, a pandemia de Covid-19 não apenas evidenciou fragilidades no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, mas também impulsionou mudanças nas práticas pedagógicas, especialmente no uso das tecnologias digitais. Entretanto, os resultados da pesquisa demonstram que a superação das dificuldades diagnosticadas depende do fortalecimento da mediação docente, da adoção de estratégias pedagógicas que integrem tecnologias e atividades presenciais, como aulas de campo e recursos visuais e do acompanhamento dos estudantes que apresentaram maiores dificuldades, almejando à consolidação dos conceitos geográficos e à promoção de uma aprendizagem mais significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sérgio Silva de. Resiliência na EPT: a reinvenção dos docentes diante da educação online. **Revista Parcerias Digitais**, 2020. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/parceriasdigitais/article/view/2824/192>. Acesso em: 16/10/2025.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede: Revista Educação em Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/9e9d64e7-f5a3-46f2-ac90-34baf13e593/content>. Acesso em: 14/12/2025.

BARROS, A. F. O uso das tecnologias na educação como ferramentas de aprendizado. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza-CE, n. 156. 2019. Disponível em:

BEHAR, Patrícia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2020.

BUENO, José de França. **Métodos quantitativos, qualitativos e mistos de pesquisa**. - Brasília, DF: CAPES: UAB; Rio de Janeiro, RJ: Departamento de Biblioteconomia, FACC/ UFRJ, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. **Formação de professores de Geografia: saberes e práticas em construção**. Ijuí: Editora Unijuí, 2022.

CROKIDAKIS, Nuno. Modeling the early evolution of the COVID-19 in Brazil: results from a Susceptible-Infectious-Quarantined-Recovered (SIQR) model. **ArXiv**, 2020.

COLÉGIO MILITAR TIRADENTES IV. Colégio Militar Tiradentes IV – Caxias (MA). Disponível em: <https://www.cmtiv.g12.br>. Acesso em: 16/12/2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; NEVES, Vanusa Nascimento Sabino. Professores em meio ao ensino remoto imposto emergencial pela pandemia de covid-19: reais dificuldades. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 48, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/F9qCnFrgWnhtkpgjpZcpSfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15/10/2025.

FLEURY, Patrícia Fonseca Ferreira. **Resiliência da docência: prática docente no ensino remoto emergencial na educação superior em saúde e humanidades**. São Paulo: Dialética, 2022.

GABRIEL, Fábio Antonio; SOUZA, Antônio Carlos de. O ensino híbrido no processo de ensino e aprendizagem no contexto da pós-pandemia da COVID-19. **Revista Interações**, v. 19, n. 66, p. 1-17, 2023.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2019..

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Yasmin Leon; SAHEB, Daniele. Os desafios da complexidade para a educação no pós-pandemia: uma reflexão a partir dos sete saberes de Edgar Morin. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 25, n. 47, 2022. Disponível em: https://revista.uemg.br/educacaoemfoco/article/view/5734?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18/11/2025.

GOMIDES, Bárbara Barra; SILVA, Marcelo Soares Pereira da. Sistema de ensino e pandemia COVID-19: ensino remoto, desafios e política educacional brasileira. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 2, pág. 1-19, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/69978/38644>. Acesso em: 14/11/2025.

GOOGLE. **Google Earth**. Imagens de satélite. 2025. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acesso em: 14/12/2025.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 36. ed. Porto Alegre: Mediação, 2020. <https://semanaacademica.org.br/artigo/o-uso-das-tecnologias-na-educacao-como-ferramentas-de-ap-rendizado>. Acessado em: 15/11/2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Malhas territoriais**. 2023 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>. Acesso em: 12/12/2025.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2021.

LIMA, Tereza Cristina Bastos Silva Lima. **Retorno às aulas pós-pandemia: reflexão sobre as condições emocionais e psicológicas dos alunos e professores**. Maceió: Conedu, 2021.

MACÊDO, Rebeqa Carvalho; MOREIRA, Kaline da Silva. Ensino de Geografia em tempos de Pandemia: vivências na Escola Municipal Professor Américo Barreira, Fortaleza – CE. **Revista Verde Grande**, v. 2, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/2993/3086>. Acesso em: 16/10/2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

MORAES, Adriana Ferreira da Silva; MONTEIRO, Sara Gabriele Alves; SILVA, Maria Tamires dos Santos. Gamificação no ensino fundamental: metodologia ativa na perspectiva da educação inclusiva e da valorização das potencialidades de todos os estudantes. *In*: SOUZA, Ligiane Oliveira dos Santos; SILVA, Nilce Santos da; SILVA, Rozemeire Pinheiro da. **A eficácia das metodologias ativas no ensino aprendizagem**. Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025

MORAIS, Hugo Arruda de; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. Educação escolar, ensino de Geografia e território vívido: uma reflexão no contexto da pandemia da COVID-19. **Revista Brasileira de Geografia**. 2023. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2248>. Acesso em: 15/10/2025.

NEUHOLD, Roberta dos Reis; PACHECO, Jéssica Nascimento. Desigualdade educacional na pandemia da Covid-19: um estudo sobre o ensino remoto e o abandono escolar. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 44, n. 1, p. 21-34, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/48658/50123>. Acesso em 14/11/2025.

OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréia. Ensino remoto emergencial em tempos de Covid-19: formação docente e tecnologias digitais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/179>. Acesso em: 24/11/2025.

OLIVEIRA, Thiago dos Santos. **Ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19: desafios e possibilidades**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

PEREIRA, Mara Dantas; SILVA, Joilson Pereira da. Reflexões sobre as barreiras de acesso ao ensino emergencial em tempos pandêmicos. **Eventos - Simpósio de Educação e Comunicação em EaD**, 2020. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/download/14800/6365/51383>. Acesso em 16/10/2025. Acesso em: 10/11/2025.

PINHEIRO, Íris; LOPES, Ana Paula. A geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): desafios para o ensino e a formação docente. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 39, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/45521>. Acesso em 15/11/2025.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Por uma Geografia escolar cidadã: desafios no pós-pandemia. *In*: CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de (Orgs.). **A Geografia na Contemporaneidade: desafios e temas**. São Paulo: Contexto, 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALLARD, Erwan; HALLOY, José; CASANE, Didier; DECROLY, Etienne; VAN HELDEN, Jacques. *Tracing the origins of SARS-CoV-2 in coronavirus phylogenies*. **ArXiv**, 2020.

SANTANA, Marselha Evelyn Lessa de. **Ensino híbrido e o processo de aprendizagem na sala de aula invertida amparados pelas tecnologias digitais: análise de experiência no ensino médio**. 2020. 81f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maceió, 2020.

SANTOS, Jairo Campos dos; OLIVEIRA, Luiza Alves de. Perspectivas para a educação pós-pandemia. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica** | Vol. 3 | N°. 18 | 2024. Disponível em: <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/465>. Acesso em: 15/11/2025.

SANTOS, L.; QUEIROZ, M. Retorno às Aulas Presenciais: Desafios e Perspectivas. **Revista de Educação**, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Alcinéia de Souza. O ensino de Geografia no contexto de pandemia da COVID-19: dos desafios enfrentados pelos professores aos limites e potencialidades das TDIC's. XIV Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia. **Anais**. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA106_ID243008092021222049.pdf. Acesso em 15/11/2025.

SILVA, Vaneska Cristina Souza. Desafios e possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem no contexto educacional pós pandemia Covid-19. **Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza**, v. 11, n. 000232, 24 abr. 2023. DOI: 10.35265/2236-6717-232-12508. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/108_desafios_e_possibilidades_para_o_processo_de_ensino_aprendizagem_no_contexto_educacional_pos_pandemia_covid_-_19_5.pdf. Acesso em: 18/11/2025.

SILVA, Vergas Vitória Andrade da. Covid-19 e a reprodução das desigualdades escolares: um estudo sobre o acesso digital na educação básica. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 3, pág. 6159–6174, 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4302>. Acesso em: 16/10/2025.

SOUSA, Marcos Gomes de; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. Ensino de Geografia na pandemia da COVID-19: reflexão da prática docente e as tecnologias digitais da informação e comunicação. **Revista do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica** – Universidade Federal do Piauí, v. 55-67, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/formare/article/view/5796/4931>. Acesso em: 15/11/2025.

SOUSA, Mônica Saraiva de; EVANGELISTA, Armstrong Miranda; BARBOSA, Aline Camilo; SILVA, Luís Fabiano de Aguiar da. Os desafios do ensino de Geografia no século XXI. In: Encontro nacional de geógrafos, 18., 2016, São Luís. **Anais**. São Luís: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2016. Disponível em: <https://www.encontrogeografos.org.br/> . Acesso em: 15/11/2025.

SOUTO, Joyce Caroline de Souza Souto; MORAIS, Nathalia Rocha Moraes. Ensino de geografia em tempos de pandemia: desafios do ensino remoto e das tecnologias na prática docente. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 12, n. 22, p. 102-118, 2021.

TONDIN, Celso Francisco et al. Educação básica na pandemia de Covid-19: críticas ao ensino remoto emergencial. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 50, e302754, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8HTQscSBLNLMKy5TyqHgGnM/>. Acesso em: 14/11/2025.

TONDIN, Celso Francisco et al. Educação básica na pandemia de Covid-19: críticas ao ensino remoto emergencial. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 50, e302754, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8HTQscSBLNLMKy5TyqHgGnM/>. Acesso em: 16/10/2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. - São Paulo: Atlas, 1987.
TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2021.

VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2021.

VILAÇA, Simone Rodrigues dos Santos. **Práticas pedagógicas e o (re)pensar da formação de professores: possibilidades e desafios no uso das tecnologias digitais no Ensino Fundamental no contexto pós-pandemia**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/55256>. Acesso em 16/10/2025.

APÊNDICE



Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias
Departamento de História e Geografia - DHG
Curso: Licenciatura em Geografia
Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Prezado (a) professor (a),

Este trabalho é uma pesquisa de campo para coleta de dados para elaboração de TCC- Monografia de encerramento do Curso de Licenciatura em Geografia do CESC/UEMA, do (a) acadêmico (a) **Nilson Silva Sousa**, matrícula 20200050959, cujo título é “**Impactos da pandemia de COVID-19 no ensino de geografia**”, sob orientação da Prof.(a) Dr.(a) Cristiane Maria Cordeiro Santiago

As perguntas a seguir têm caráter exclusivamente acadêmico e serão utilizadas somente para fins de pesquisa. Todas as informações fornecidas serão tratadas de forma estritamente confidencial, garantindo a privacidade e o anonimato dos participantes.

Sua colaboração é essencial para o sucesso desta pesquisa. Agradeço, desde já, pela sua disponibilidade e contribuição.

Atenciosamente,

Nilson Silva Sousa, 20200050959

Pesquisador/Acadêmico do Curso de Geografia Licenciatura do CESCUEMA



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias
Departamento de História e Geografia - DHG
Curso: Licenciatura em Geografia
Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Nome (opcional):

Idade:

Tempo de experiência em docência:

Formação acadêmica:

Escola onde atua:

1. Em sua opinião, como o período pandêmico afetou a percepção dos alunos sobre a importância da Geografia para sua formação?

2. Quais recursos e materiais você priorizou para o ensino da Geografia durante o período de ensino remoto emergencial?

- Aulas síncronas por videoconferência
- Envio de materiais impressos
- Plataformas assíncronas (Google Classroom, Moodle, etc.)
- Videoaulas gravadas
- Redes sociais (WhatsApp, grupos no Facebook)
- Outros: _____

3. Quais metodologias de ensino você considerou mais eficazes e utilizou com maior frequência no período remoto?

4. Na sua avaliação, o uso dessas ferramentas e metodologias remotas facilitou o

processo de ensino-aprendizagem em Geografia?

- Sim, significativamente.
- Sim, mas com muitas limitações.
- Não, dificultou mais do que ajudou.
- Não sei afirmar.

5. Como você organizava e disponibilizava o cronograma de aulas e atividades para os alunos?

6. Quais plataformas foram mais utilizadas pela escola/por você para a transmissão de conteúdo e interação em tempo real?

- Google Meet
- Zoom
- Microsoft Teams
- Outras: _____

7. Com qual frequência você conseguia ter um contato direto (síncrono) com a turma através de plataformas online?

- Diariamente.
- Semanalmente.
- Quinzenalmente.
- Raramente/Nunca.

8. Na sua percepção, qual foi a principal dificuldade enfrentada pelos alunos para acessar as aulas de Geografia?

- Falta de acesso à internet.
- Falta de aparelhos eletrônicos.
- Dificuldade com a tecnologia.
- Ambiente doméstico não propício ao estudo.
- Nenhuma, de forma geral.
- Outras: _____

9. Você percebeu que a maioria dos alunos tinha acesso adequado a aparelhos eletrônicos para acompanhar as atividades?

- Sim, a grande maioria.
- Apenas uma parte dos alunos.
- Não, a maioria tinha dificuldades.
- Foi muito variável ao longo do período.

10. Quais foram os **conteúdos de Geografia** que você percebeu **maior dificuldade** em ensinar de forma remota? Por quê?

11. Após o retorno ao ensino presencial, você notou **lacunas de aprendizagem** oriundas do período remoto?

- Sim, lacunas significativas em grande parte da turma.
- Sim, mas apenas em alguns alunos/tópicos.
- Não, o nível de aprendizagem manteve-se similar.
- É difícil precisar.

12. A experiência forçada com a tecnologia durante a pandemia **mudou sua prática docente** no presencial com o uso de tecnologias em sala de aula?

- Sim, incorporo muito mais ferramentas digitais agora.
- Sim, mas apenas ocasionalmente.
- Não, minha prática retornou ao que era antes.
- Não, mas gostaria de incorporar mais se tivesse suporte.

13. Como você avalia, de forma geral, a **experiência do ensino remoto emergencial** para a disciplina de Geografia?

- Péssima
- Ruim
- Regular
- Boa
- Ótima

14. Na sua opinião, como a pandemia impactou a **construção dos conceitos geográficos fundamentais** pelos alunos?

- Impactou negativamente, os conceitos estão mais frágeis.
- Impactou positivamente, novas ferramentas ajudaram.
- Não houve um impacto significativo.
- O impacto foi muito desigual entre os alunos.

15. Há algum **comentário, observação ou sugestão** sobre o ensino de Geografia no contexto pós-pandêmico que gostaria de acrescentar?



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias
Departamento de História e Geografia - DHG
Curso: Licenciatura em Geografia
Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Prezado (a) aluno (a),

Este trabalho é uma pesquisa de campo para coleta de dados para elaboração de TCC- Monografia de encerramento do Curso de Licenciatura em Geografia do CESC/UEMA, do (a) acadêmico (a) **Nilson Silva Sousa**, matrícula 20200050959, cujo título é “**Impactos da pandemia de COVID-19 no ensino de geografia**”, sob orientação da Prof.(a) Dr.(a) Cristiane Maria Cordeiro Santiago

As perguntas a seguir têm caráter exclusivamente acadêmico e serão utilizadas somente para fins de pesquisa. Todas as informações fornecidas serão tratadas de forma estritamente confidencial, garantindo a privacidade e o anonimato dos participantes.

Sua colaboração é essencial para o sucesso desta pesquisa. Agradeço, desde já, pela sua disponibilidade e contribuição.

Atenciosamente,

Nilson Silva Sousa, 20200050959
Pesquisador/Acadêmico do Curso de Geografia Licenciatura do CESCUEMA



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias

Departamento de História e Geografia - DHG
--

Curso: Licenciatura em Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nome (opcional):

Idade:

Série/turma:

Escola:

1. Como você percebe a importância da ciência geográfica para sua formação?
2. Você estudou a disciplina de geografia no período pandêmico por meio de quais recursos?
3. Quais as metodologias utilizadas pelo professor de geografia no período pandêmico?
4. Na sua opinião, o uso de ferramentas digitais facilitou o processo de aprendizagem?
() Sim. () Não. () Não sei.
5. Quais plataformas eram usadas para transmissão do conteúdo em classe?

6. Com qual frequência você tinha contato com o professor de geografia através de plataformas online ou outro meio?
- Diariamente. Semanalmente. Mensalmente. Nunca.
7. Qual foi a principal dificuldade para o acesso as aulas de geografia no período pandêmico ?
- Internet. Falta de Aparelhos eletrônicos. Nenhuma outras, quais? _____
8. Você tinha aparelhos eletrônicos para acessar as aulas sempre que precisava?
- Sim. Não. Nunca. Às vezes.
9. De acordo com a resposta anterior, se sim, informe quais aparelhos?
- Celular. Notebook. Tablet Outros. Nenhum
10. Após a pandemia você sente alguma dificuldade em acompanhar os assuntos da disciplina de geografia ?
- Sim. Não. Não sei.
11. Informe quais conteúdos de geografia, você percebe maior dificuldade de aprendizagem.
- _____
12. Após a pandemia a utilização de tecnologias em sala de aula, sobretudo nas aulas de geografia tem se tornado mais frequente na sua opinião?
- Sim. Não. Mesma frequência de antes .
13. Em relação ao ensino remoto, como você avalia de forma geral que ?
- Péssimo Ruim Regular Bom Ótimo.
14. Como você ver o seu conhecimento sobre os conceitos da disciplina de geografia após a pandemia?

Péssimo Ruim Regular Bom Ótimo.